

PERCURSOS COTIDIANOS E ENSINO DO PLANO CARTESIANO:  
UMA PROPOSTA ETNOMATEMÁTICA EM CONTEXTO QUILOMBOLA

Introdução

Os percursos entre a casa e a escola fazem parte das experiências dos estudantes da Comunidade Kalunga Ema, em Teresina de Goiás. A proposta aproxima suas referências e formas de representar os caminhos do estudo do plano cartesiano, no Colégio Estadual Quilombola Kalunga Mãe França.

Objetivos

Compreender como os estudantes produzem sentidos e atribuem significados à matemática presente em seus percursos cotidianos, a partir de suas práticas socioculturais.

A investigação examina os saberes utilizados nos caminhos, os sentidos e significados das representações e suas relações com os conhecimentos matemáticos escolares.

Fundamentação

A Etnomatemática orienta a atenção aos saberes e fazeres presentes nas experiências culturais (D'Ambrosio, 2009). O respeito aos conhecimentos dos educandos sustenta o diálogo com as explicações que trazem para a escola (Freire, 1996).

Metodologia

Pesquisa qualitativa, organizada como estudo de caso, com observação participante. Participaram oito estudantes: quatro do 6º ano e quatro do 7º ano, em turma multisseriada.

O caso focaliza a produção de sentidos e significados nas atividades sobre os percursos, considerando as relações entre território vivido, representações e matemática escolar (Alves-Mazzotti, 2006).

Quatro encontros, de 21/08 a 11/09/2026, reuniram questionários, desenhos, conversas e registros audiovisuais. A análise de conteúdo seguirá Bardin (2016).

A Matriz de Habilidades Essenciais e o Revisa Goiás, materiais da SEDUC-GO, apoiaram o planejamento e a articulação com as aulas.

Desenvolvimento da proposta

1. Questionário, conversa e croquis. Após responder às questões sobre os caminhos, os estudantes produziram croquis individuais e elaboraram um desenho coletivo.

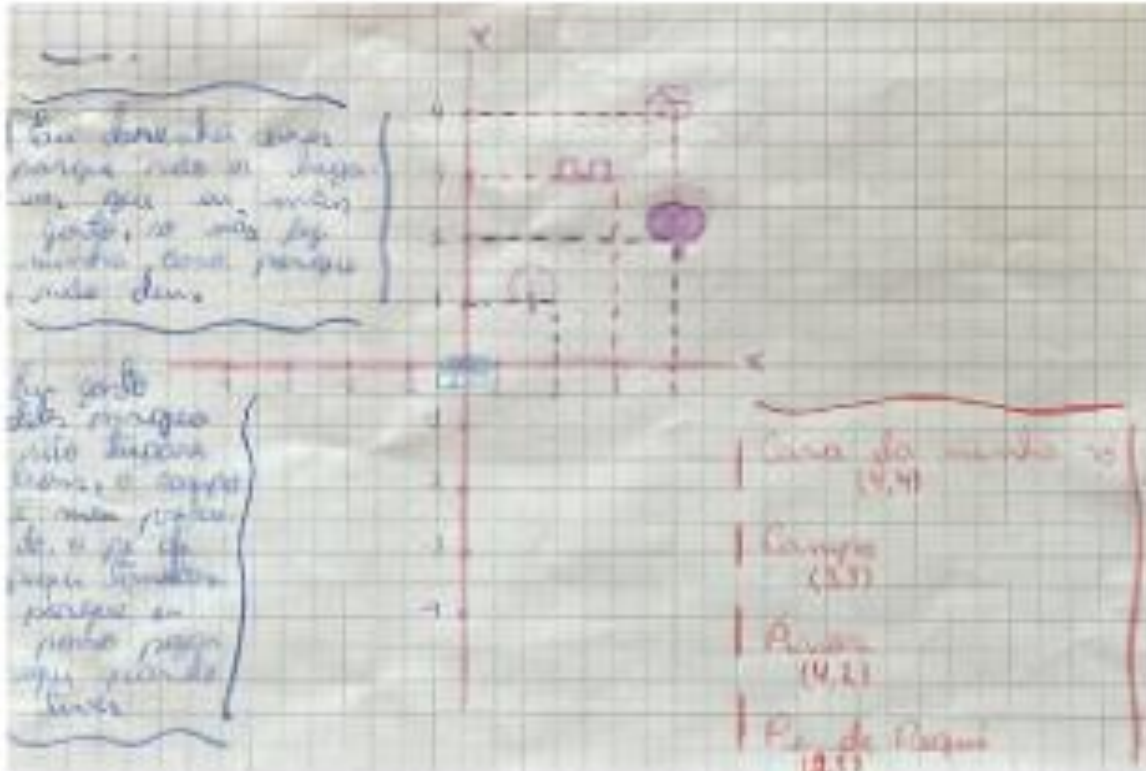


Croqui individual e elaboração do croqui coletivo.



2. Caminhada  
A turma percorreu os caminhos de E2 e E5. Os estudantes indicaram referências e uma alternativa para o retorno.

3. Plano cartesiano  
A malha no primeiro quadrante foi comum à turma. A retomada dos demais quadrantes teve maior foco no 7º ano. No croqui coletivo, a escola foi a origem dos eixos.



Pontos afetivos na malha e localização no croqui coletivo.

A turma comparou o croqui com uma imagem do Google Earth. Fonte das fotografias e produções: registros da pesquisa (2026).

Resultados e análise

Os encontros produziram registros individuais e coletivos. A análise examinará as explicações e os apoios recebidos. A participação em grupo, por si só, não demonstra a compreensão individual dos conceitos.

Considerações finais

A proposta relacionou os lugares escolhidos pelos estudantes à representação por coordenadas. A análise em desenvolvimento buscará compreender as possibilidades e os limites desse diálogo com a matemática escolar.

Referências principais

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637–651, 2006.  
D'AMBROSIO, U. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.  
BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.  
FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.